



A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES POPULARES NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE A SOCIALIZAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA ACADÊMICA

Autor; Edilene Dayse Araújo da Silva; Co-autor (1); Ana Lucia Andruchak;
Co-autor (2); Gisele Rogéria Penatieri;
Orientador: Adir Luiz Ferreira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - edilenedayse@gmail.com

Resumo: As cadeiras universitárias, paulatinamente, estão sendo ocupadas por estudantes das camadas populares, um fenômeno recente no qual debruçaram-se muitos teóricos. Como apontam os estudos de Almeida (2007), Borges & Carnielli (2005), Ferreira (2013; 2014), Sousa e Silva (2003), Paivandi (2014; 2015), Piotto (2011) e Zago (2005) é crucial compreender não apenas o ingresso e evasão, mas como dão-se as vivências acadêmicas desses estudantes oriundos das camadas populares. O presente estudo, ainda em andamento no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN), tem como principal objetivo analisar a condição do estudante de origem popular em sua permanência na universidade, focando no processo de socialização e sociabilidade estudantil. Nosso campo de pesquisa é a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e os atores pesquisados são estudantes populares de cursos das áreas de Humanas (Ciências Sociais e Direito), Biomédica (Ciências Biológicas e Odontologia) e Tecnológicas (Matemática e Engenharia Civil). Na primeira etapa da pesquisa, em conjunto com a etnografia dos meio ambientes dos pesquisados na UFRN, aplicamos um questionário em turmas a partir do terceiro período. Após coleta de dados, num segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco representantes dentre as graduação delimitadas. Nesse trabalho apontaremos alguns vislumbres de nossa pesquisa, tecendo uma rede com os três fios: o olhar pesquisador, à luz dos autores e a voz dos sujeitos, a fim de identificar as trajetórias escolares em suas cargas simbólicas e as práticas sociais cotidianas dos discentes.

Palavras-chave: Estudantes de classes populares, permanência no ensino superior e socialização universitária.

INTRODUÇÃO

Seja na busca pelo conhecimento e, principalmente, pela dominação, o ingresso nas graduações permaneceu majoritariamente das elites, sejam eclesiásticas ou laicas, durante a maior parte da nossa história. Não houve, por muito tempo, sequer a presunção da classe popular adentrar os portões das universidades. Recentemente, acompanhando o percurso internacional de democratização do ensino superior, a sociedade brasileira testemunha, com júbilo ou revolta, a classe popular ocupar parte das cadeiras universitárias do país.



Entre 2003 e 2014, a matrícula na educação superior aumentou 96,5% e nesse último ano foram contabilizadas mais de 7,8 milhões de estudantes no país. Contudo, de acordo com o Censo da educação superior (2014), contamos com 195 Universidades no Brasil que equivalem a apenas 8,2% do total de Instituições de ensino superior do país. Apesar de todos os avanços, a educação superior brasileira continua excludente e inacessível a uma parcela significativa da população brasileira, em especial para os jovens das classes trabalhadoras (BITTAR; OLIVEIRA; MOSORINI, 2008, p. 41). Cientes que as instituições públicas de ensino superior, inclusive a UFRN, ainda são para poucos; no cenário de favorecimento da privatização no ensino superior, iniciado na ditadura militar e perdurado até os dias atuais: quais as condições e estratégias de permanência dos estudantes pobres na universidade pública?

Segundo Zago (2006), apesar das mudanças no cenário das universidades brasileiras, ingressar numa graduação pública permanece “inatural” e distante da realidade de muitos jovens do Brasil. Além das questões determinantes do ingresso, tratando-se das relações cotidianas da universidade, como sobrevive um estudante pobre? A princípio, o termo “sobrevivência” designando a vida acadêmica pode causar estranheza. Utilizado por alguns autores, especialmente por Ferreira (2014), apropriamo-nos do termo para denominar a labuta que é manter-se na vida acadêmica.

No presente trabalho explanaremos sobre a nossa pesquisa, focando principalmente nos aspectos teórico-metodológicos do nosso estudo sobre a socialização e estratégias de permanência dos estudantes populares na universidade.

EM BUSCA DOS TRÊS FIOS HERMENÊUTICOS: O OLHAR DO PESQUISADOR, À LUZ DOS AUTORES E DA VOZ DOS SUJEITOS.

Defendemos que uma pesquisa, sobretudo no campo das Ciências Humanas, pode ser realizada de maneira dinâmica e criativa, propiciando aos pesquisadores uma autonomia, sem desfazer-se do rigor científico e da ética. Esses são os preceitos da *abordagem multirreferencial*, criada por Ardoino (1998), que norteiam nosso estudo. Para Barbosa e Barbosa (2008) adotar essa abordagem inovadora é estar ciente do caráter rígido em demasia e fragmentado da ciência, sempre em busca de suas “verdades absolutas”. Partindo dessa premissa, a abordagem *multirreferencial busca* encarar a incompletude de uma pesquisa que envolve o estudo de indivíduos em sua condição humana e complexa.



Por muitos anos as pesquisas em educação pautaram-se, em sua maioria, na pesquisa analítica de viés quantitativo. Entretanto, essa ferramenta metodológica não apreende significativamente a complexidade das práticas e relações sociais. Com o intuito de perceber a dinamicidade das vivências na universidade que adotamos a *etnometodologia* na perspectiva sócio antropológica, principalmente no que se refere a pesquisa participativa e etnográfica. Tratando-se da etnografia, de acordo com Oliveira (2013, pág. 163) parte-se do pressuposto de que há uma indissociabilidade entre teoria e método, de modo que não podemos reduzir a etnografia a uma simples técnica de “coleta de dados”. No que refere-se, especificamente, a etnografia na pesquisa educacional contemporânea Eckert e Rocha (2003, p. 3) afirmam:

A etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa. Interagindo-se com o Outro, olha-se, isto é, “ordena-se o visível, organiza-se a experiência” conforme propõe Régis Debray. O etnógrafo descreve, tradicionalmente em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do Outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano.

Juntamente com a Etnometodologia e a Antropologia da educação, não podemos deixar de mencionar a sociologia como norteadora desse estudo. Tratando-se dessa importante ciência, Bauman e May (2010, pág. 265) afirmam que “a sociologia é um olhar disciplinado que analisa “como” procedemos em nossa vida cotidiana e aloca os detalhes dessa análise em um “mapa” que se estende para além de nossas impressões imediatas”. Concluimos que refletir acerca da permanência de estudantes populares na universidade, um meio ambiente de pesquisa tão familiar, requer uma postura crítica da realidade e sem o aporte sócio antropológico esse objetivo não seria alcançado.

POR ONDE ANDEI: ROTEIRO DE PESQUISA E CAMINHO METODOLÓGICO.

Baseados nesses pressupostos, a nossa *pergunta de partida* da pesquisa foi: “*Como um estudante de origem popular sobrevive na universidade?*”. O intuito principal não foi a análise do ingresso ou a evasão, mas a *permanência* dos estudantes pobres. A fim de responder essa indagação inicial e a necessidade de delimitar o nosso campo investigativo, contamos com uma pesquisa no



site de “Mostra de Profissões” da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)¹. Na página identificamos a divisão de três grandes áreas acadêmicas: Humanas, Tecnológicas e Biomédicas e como primeiro passo da nossa investigação adotamos essa mesma categorização em nosso estudo.

O **segundo passo** foi a escolha dos cursos. Decidimos que como meio ambientes da pesquisa contaríamos com duas graduações de cada grande área, sendo uma considerada “popular” e outra de “elite”, respectivamente. Assim, os atores pesquisados foram os estudantes dos cursos de Ciências Sociais e Direito (Humanas), Ciências Biológicas e Odontologia (Biomédica) e Matemática e Engenharia Civil (Tecnológicas). Feita essa importante escolha, como terceiro passo, pesquisamos no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA)² a listagem com as turmas ministradas no semestre 2015.2 nos cursos delimitados e enviamos e-mails aos docentes solicitando a atividade antes de suas aulas.

O objetivo maior dos questionários, além dos dados quantitativos, foi encontrar estudantes populares para serem entrevistados. Com o aval dos docentes e agendamento da aplicação dos questionários, durante o mês de Novembro de 2015 estivemos nos campos da pesquisa e seus cursos, respectivamente: setor I (Direito), II (Ciências Sociais), III e IV (Engenharia Civil e Matemática), Centro de Biomédicas (Biologia) e o Departamento de Odontologia da UFRN. Continuamos a caminhada com o nosso quarto passo, realizando as etnografias em conjunto com a aplicação dos questionários.

No nosso quinto passo aplicamos os questionários em turmas a partir do 3º período e após identificarmos os potenciais entrevistados de acordo com a delimitação de alguns dados, marcamos as entrevistas semi-estruturadas. Em nosso sexto passo realizamos as entrevistas compreensivas com cinco³ representantes dos cursos delimitados.

De acordo com a entrevista compreensiva, formulada por Kaufmann (2013, pág. 33), o autor defende a ideia de um “artesão intelectual”, onde o pesquisador não se limita apenas na coleta de informações, sua descrição densa e análise dos dados, mas reflete a realidade pesquisada a partir de sua imersão na mesma. Em sua crítica relata a hierarquização da relação pesquisador-pesquisado, tornando a entrevista um momento frio e pragmático. Propõe em sua obra que a entrevista

¹ Disponível em <<http://www.mostradeprofissoes.prograd.ufrn.br/>>. Acesso no dia 10/03/2016.

² Disponível <https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/componentes/busca_componentes.jsf?nivel=G&aba=pgraduacao>. Acesso no dia 10/03/2016.

³ Até o momento da escrita desse trabalho, Agosto de 2016, resta-nos entrevistar o estudante de Matemática.



compreensiva, embora para fins acadêmicos, seja semelhante a uma conversa entre duas pessoas que desejam aprender uma com a outra. Nesse contexto, “o informante se surpreende por ser ouvido profundamente e se sente elevado, (...) a um papel central. Ele não é vagamente interrogado a respeito de sua opinião, mas por aquilo que possui, um saber precioso que o entrevistador não tem.” (p. 80).

A entrevista não é levada em consideração como um instrumento aplicado após a construção do referencial teórico, mas como um ponto de partida para a construção de um objeto de estudo. Para Silva (2006, pág. 07), “[...] na metodologia da entrevista compreensiva, o processo de desvelamento do objeto de estudo se constrói pouco a pouco por meio de uma elaboração teórica que aumenta [...] a partir de hipóteses forjadas no campo da pesquisa”.

Valendo-se desse método da entrevista compreensiva e partindo de uma perspectiva sócio antropológica, buscamos o diálogo com nossos informantes, sempre cientes da importância de suas narrativas e vivências. Antes de iniciarmos as conversas, pedimos para que as entrevistadas escolhessem o seu pseudônimo de acordo com sua área de conhecimento. Apesar de não existir uma delimitação de gênero, a maioria das informantes são mulheres, até o presente momento, e um homem, tendo os seguintes perfis:

- **Ruth** - (Ciências Sociais): A escolha do nome foi uma homenagem a antropóloga Ruth Benedict.

“23 anos, cursando o 8º período de sua graduação. Nasceu no interior do estado, é filha de um lavrador e uma dona de casa. Estudou todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas na sua cidade de origem. Veio para a capital a fim de cursar sua primeira graduação e fora aprovada em seu segundo vestibular. Sonhava com Psicologia, mas não passou. Durante dois anos conciliou o trabalho no Call Center das lojas Riachuelo com a faculdade noturna. Há um ano saiu do emprego para se formar e atualmente é bolsista de apoio técnico na UFRN”.

- **Jurista** – (Direito): O pseudônimo é inspirado no título daquele que atua no Direito.

“19 anos, estudante do 4º período. Natural de Natal/RN, passou a maior parte da sua vida em Tibau do Sul/RN e atualmente mora na Residência Universitária no Campus da UFRN. Foi criado por mãe pensionista e um padrasto pescador, não teve contato com o seu pai biológico. Jurista estudou o ensino fundamental em uma pequena escola particular da cidade, mas por problemas financeiros cursou o ensino médio em uma instituição pública. Aprovado em Direito na UFRN, nos



primeiros semestres do curso, cantava nos bares de Pipa/RN para ajudar no seu sustento. Na época da entrevista, Junho de 2016, comemorava a conquista da primeira bolsa de apoio técnico.

- **Rosa** - (Biologia): Em virtude da Botânica, área preferida da entrevistada, ela escolheu essa nomenclatura.

“21 anos, estudante do 6º período. Natalense, é filha de um desempregado e uma mãe dona de casa. Estudou o ensino fundamental e médio em escola pública. Atualmente mantêm seus estudos e ajuda a família com uma bolsa de 400 reais que ganha no setor de Botânica da UFRN”.

- **Barbotina** - (Engenharia Civil): O termo escolhido significa “argila finamente misturada para fazer cerâmica”. A entrevistada justificou que como é uma engenheira civil em formação, esse seria um ótimo pseudônimo.

“19 anos, graduanda do 4º período. Nascida na capital, mora com sua família no bairro do Planalto. Filha de um pedreiro e uma dona de casa, estudou o ensino fundamental em escola pública. Foi campeã brasileira nas Olimpíadas de Matemática e ingressou no IFRN onde cursou o ensino médio. Sem bolsa, tendo disciplinas nos dois turnos, não sabe como conseguirá manter-se na graduação”.

- **Dentina** - (Odontologia): A Dentina é um tecido conjuntivo avascular, mineralizado, especializado que forma o corpo do dente, suportando e compensando a fragilidade do esmalte. A estudante escolheu esse nome arremetendo-se ao seu curso e sua trajetória de resistência.

“20 anos, cursando o 5º período em Odontologia. Nasceu em Natal/RN, filha de um pedreiro e uma dona de casa. Estudou o ensino fundamental e médio em escolas públicas. No 3º ano fez cursinho e ingressou em seu primeiro ENEM no curso de Odontologia na UFRN. Atualmente não tem bolsa e precisa de 3 mil reais para comprar os equipamentos para cursar as disciplinas práticas. Aguarda o resultado do edital de bolsas do Programa de Assistência ao Estudante (PROAE/UFRN), mas sem os materiais está perdendo trabalhos e pontuações, alegou que os docentes não entendem sua condição desfavorecida”.

No atual semestre (2016.2), a pesquisa de Mestrado que inspira esse trabalho encontra-se na análise das entrevistas e aportes teóricos para compreensão dos múltiplos significados transmitidos nas falas das sujeitas.



SOCIALIZAÇÃO E A VIDA ACADÊMICA: NEM SÓ DE AULAS É FEITA A UNIVERSIDADE, QUERO MEUS PARES.

Para Almeida (2007) estudos recentes no Brasil, Inglaterra e França, buscam uma análise que ultrapassa a visão dos aspectos da manutenção do estudante popular na universidade, mas esses estudos propõem é uma reflexão sobre o quê, efetivamente, esse estudante socialmente desfavorecido extrai de sua passagem pela universidade (pág. 36). Para o autor, a permanência efetiva dá-se não apenas no campo material, mas incorpora os aspectos da trajetória estudantil e a valorização cultural na academia.

Piotto (2011), em seus escritos sobre estudantes das camadas populares no ensino superior, traz-nos uma reflexão sobre o sucesso acadêmico e a contribuição escolar. Segunda a autora, as trajetórias escolares colaboraram diretamente para que estudantes populares ingressassem em lugares sociais não-previstos: a universidade. Sem desconsiderar as especificidades das questões econômicas dos discentes e suas famílias, ponto crucial nesse estudo, vale salientar que tratando-se da permanência, todos os estudantes, independente da classe social, terão que (re)inventar-se para se manterem em suas graduações até concluí-las.

Mesmo com essas diferenças, a sobrevivência acadêmica dos estudantes, de fato, depende do seu engajamento cognitivo e social no meio ambiente universitário, com a construção de estratégias de aprendizagem e com o investimento em processos de socialização, efetivamente orientados mais por relações sociais, pessoais e coletivas, do que institucionais. Adaptar-se simultaneamente às exigências cognitivas e relações sociais do ensino superior, contando com amigos, colegas e professores para suprir as deficiências organizacionais, não é uma “escolha” dos estudantes: a maioria descobre rapidamente que é a única chance de sucesso real nos seus projetos de estudo e de formação profissional (FERREIRA, 2013, pág. 118). Não sobrevivem os mais fortes, e sim, os mais adaptados ao meio ambiente universitário. É o que, num primeiro momento, poderíamos chamar de “darwinismo acadêmico”.

Assim definida, a partir dessa noção de sobrevivência na universidade, questiona-se: “Quais as estratégias adotadas pelos estudantes pobres para sobreviver na academia?”. Socializar-se está, sem dúvida, entre as principais formas de perseverar no curso superior. O conceito de socialização é definido por Abrantes (2011, pág.01) como o “processo de constituição dos indivíduos [...], através das interações, atividades e práticas sociais, regulado por emoções, relações de poder e projetos identitários-biográficos, numa dialética entre organismos biológicos e contextos socioculturais”.



Tratar da socialização é falar de reconstrução, ressignificação, recomeços. Paivandi (2014, pág. 40) destaca que as pesquisas que envolvem estudantes populares geralmente tem “uma correlação estatística significativa entre o capital cognitivo anterior, características pessoais e familiares ou condições materiais e desempenho universitário”. Ao tratar do sucesso/insucesso dos estudantes focando apenas na conclusão dos estudos é, segundo o autor, uma visão reducionista da realidade universitária.

Desde o seu ingresso na universidade, o estudante necessita, num complexo processo de ressocialização, (re)criar-se, aprendendo novas maneiras de estudar e lidar com os novos códigos e regras. A cultura acadêmica precisa, por mais peculiar que seja, ser corporificada e apreendida pelos recém-chegados. “As relações afetuosas, na intimidade ou no coletivo, vividas em diferentes graus de intensidade como experiências de realização pessoal, em geral contribuem para motivar e sustentar o esforço para os estudos” (FERREIRA, 2014, pág. 134). Nesse cenário os laços de amizade, os estudos em grupos, a sociabilidade nas praças, bares, cantinas e a ajuda dos pares, tornam-se essenciais na sobrevivência acadêmica.

CONCLUSÕES

São especialmente nesses aspectos da socialização estudantil que apontamos alguns vislumbres para a continuidade de nossa pesquisa, incorporando a análise dos dados e a interpretação de seus significados sócio antropológicos e educacionais. Embora ainda haja muita estrada a trilharmos em nossa pesquisa, podemos afirmar que sobreviver na academia requer (re)fazer-se e transformar-se constantemente, num constante processo socializador. Quando os recursos materiais são escassos, como na vida dos estudantes pobres, os pares, as relações de companheirismo e amizade são determinantes na sobrevivência acadêmica.

Na montagem das conclusões, pretende-se utilizar a metáfora de uma rede de práticas e significados, perpassaremos os três fios hermenêuticos: o olhar do pesquisador, à luz dos autores e da voz dos sujeitos; a identificação de trajetórias acadêmicas dos estudantes e das cargas simbólicas decorrentes desse trajeto; e, as práticas sociais cotidianas no meio ambiente acadêmico dos discentes de origem popular.



REFERÊNCIAS

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação**. São Carlos: UFScar, 1998.

ABRANTES, Pedro. **Para uma teoria da socialização**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras. Porto, (Portugal), v. 21, p. 121-139, jul./dez., 2011.

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Caderno CRH**, Salvador, jan./abr., v. 20, n. 49, p. 35-47, 2007.

BARBOSA, Sílvia Maria Costa; BARBOSA, Joaquim Gonçalves. Etnometodologia multirreferencial: contribuições teórico-epistemológicas para a formação do professor-pesquisador. **Educação & linguagem**, São Paulo, jul/dez., v. 18, n. 11, p. 238-256, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira de; MOROSINI, Marília. **Educação Superior no Brasil: 10 anos pós-LDB**. Brasília: Inep, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior 2014 - Notas Estatísticas**. INEP, 2014.

BORGES, J. L. G. ; CARNIELLI, B. L. Educação e estratificação social no acesso à universidade pública. **Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, v. 35, n. 124, p. 113-130, 2005.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 1-22, 2003.

FERREIRA, Adir Luiz. **Havia uma sociologia no meio da escola**. Natal: EDUFRN, 2004.



_____. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 116-140, jan./abr. 2014.

KAUFMANN, J.C. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

OLIVEIRA, Amurabi. Algumas pistas (e armadilhas) na utilização da Etnografia na Educação. **Educação em Foco**, Minas Gerais, v. 22, n. 16, p.163-183, dez. 2013.

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o meio ambiente de estudos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr. 2014

_____. Que significa o desempenho acadêmico dos estudantes? In: **Observatório da vida estudantil**: avaliação e qualidade no ensino superior. Salvador: EDUFBA, 2015.

PINHEIRO, DPN. A resiliência em discussão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.9,n. 1, p. 67-75, 2004.

PIOTTO, Débora Cristina; ALVES, Renata Oliveira. Estudantes das camadas populares no ensino superior público: qual a contribuição da escola? **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá (Paraná), v. 15, n. 1, p. 81-90, jan./jun. 2011.

SILVA, R. de F. Compreender a entrevista compreensiva. **Revista Educação em Questão**, Natal,v. 26, n. 12, p. 31-50, maio/ago. 2006.

SOUSA E SILVA, J. **Por que uns e não outros?**: caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 2003.

ZAGO, N. **Do acesso à permanência no ensino superior**: percursos de estudantes universitários de camadas populares. In Reunião Anual da Anped, 28, Caxambu, MG, p. 1-16, out. 2005.